

A VIDA NA GRAÇA E AS IMPLICAÇÕES TEOLÓGICO- PASTORAIS NA VIDA PRESBITERAL

LIFE IN GRACE AND THE THEOLOGICAL-PASTORAL IMPLICATIONS FOR PRIESTLY LIFE

WILLIAM AMARAL NUNES

Licenciado em Filosofia/UFPEL e Bacharel em Teologia/UCPEL. Diácono da Arquidiocese de Pelotas/RS. E-mail: williamnunes@gmail.com

CÉSAR AUGUSTO COSTA

Professor permanente no Programa de Pós-Graduação em Política Social e Direitos Humanos/UCPEL. Professor nos Cursos de Teologia (Área: Teologia Sistemática) e Filosofia da Universidade Católica de Pelotas. E-mail: sociologors@gmail.com

Resumo: O presente artigo visará discutir as implicações teológico-pastorais da Teologia da Graça na vida do presbítero à luz do itinerário sobre a Graça divina, sua relação com natureza e liberdade, de maneira a compreender a sua ação na vida presbiteral. Para alcançar nosso objetivo, que será feito através da pesquisa bibliográfica, percorreremos o âmbito do debate sobre a Graça a partir da Tradição da Igreja, com destaque as reflexões de Gregório Magno em sua *Regra Pastoral* e João Crisóstomo na obra *Sobre o Sacerdócio* e ainda no Magistério da Igreja, com as contribuições do Concílio Vaticano II (1962-65), a Exortação *Pastor Dabo Vobis* (1992) e mais tarde, o Documento da Conferência de Aparecida (2007) que trazem relevantes sistematizações para o tema do ministério ordenado. Ao fim, abordaremos as questões atuais que envolvem o tema, a fim de oferecer uma maior compreensão sobre a ação da graça na vida da Igreja através de seus ministros ordenados.

Palavras-chave: Teologia da Graça. Magistério. Vida presbiteral.

Abstract: The present article will aim to discuss the theological-pastoral implications of the Theology of Grace in the life of the priest in the light of the itinerary on divine Grace, its relationship with nature and freedom, in order to understand its action in priestly life. In order to reach our objective, which will be done through bibliographical research, we will go through the debate about Grace from the Tradition of the Church, with emphasis on the reflections of Gregory the Great in his Pastoral Rule and John Chrysostom in his work *On the Priesthood*, and also in the Magisterium of the Church, with the contributions of the Second Vatican Council (1962-65), the Exhortation *Pastor Dabo Vobis* (1992) and later, the Document of the Conference of Aparecida (2007), which bring relevant systematizations for the theme of the ordained ministry. Finally, we will address the current issues surrounding the theme in order to offer a greater understanding of the action of grace in the life of the Church through its ordained ministers.

Keywords: Theology of Grace. Magisterium. Priestly Life.

1 INTRODUÇÃO

A vida na graça é um dos temas que permearam os debates teológicos durante séculos na história da Igreja, a partir de um agir gracioso de Deus para com o homem. Tal discussão é pensada desde a criação até as elaborações mais sofisticadas de grandes teólogos do período patrístico, tais como Gregório Magno em sua "*Carta Pastoral*" e João Crisóstomo em "*Sobre o sacerdócio*" que são relevantes para o tema do ministério ordenado.

Podemos indagar, porque entre os séculos de elaboração de uma teologia da graça, escolhemos autores, santos e doutores, do período patrístico? Entendemos que, grande parte do pensamento do Concílio Vaticano II (1962-65) tomou por base, as fontes bíblicas e patrísticas para embasar suas elaborações teológicas.

Exatamente na visão dos documentos do Concílio Vaticano II e em alguns documentos pós-conciliares, entraremos na discussão deste texto, sobre a vida da graça na Igreja e no ministério presbiteral. Sabemos que o batismo nos torna filhos de Deus, assembleia santa, sacerdócio régio, com a missão profética de anunciar a boa nova do Evangelho como aponta a constituição dogmática *Lumen Gentium*.

Desse modo, o presente artigo visará debater a Teologia da Graça a partir da Tradição e das contribuições do Magistério à luz da pesquisa bibliográfica. O intuito é percorrer o itinerário de elaboração do enfoque sobre a Graça divina, sua relação com natureza e liberdade, buscando compreender a sua ação na vida presbiteral. Ao fim, buscará contemplar as implicações da graça na vida do presbítero à luz do Vaticano II e dos documentos pós-conciliares, e as questões atuais que envolvem, a fim de oferecer uma maior compreensão sobre a ação da graça, na vida da Igreja através de seus ministros ordenados.

2 SÃO GREGÓRIO MAGNO: A GRAÇA A PARTIR DA REGRA PASTORAL

São Gregório Magno, foi um grande Padre da igreja, do ocidente, que compôs em seu tempo um Tratado sobre a vida do presbítero. Na concepção de Gregório, o presbítero é chamado a ser um canal da graça de Deus, seu fiel dispenseiro, é ele quem através dos sacramentos, sinais visíveis, da graça invisível, levam os homens a trilhar o caminho do bem.

Iremos nos debruçar, aqui, sobre alguns aspectos apresentados por São Gregório Magno, em sua obra intitulada *Regra Pastoral*. A obra apresenta um modelo a ser seguido por aqueles que, na Igreja, foram chamados a ser pastores a partir de tudo que envolve o agir pastoral dos presbíteros.

Gregório nasceu em família cristã romana por volta do ano 540, desde tenra idade mostrou grande capacidade intelectual. Não é certo, mas alguns biógrafos afirmam que ele teria sido um retórico e estudado direito romano. Por volta do ano 574, e após ter sido prefeito de Roma, Gregório decidiu retirar-se como monge, fundando um mosteiro na casa de seus pais.

Em 1590, foi eleito pontífice tendo governado a Igreja por quatorze anos. Uma de suas mais notáveis obras é a *Regra Pastoral*, onde trata da vida e da missão dos pastores.

A *Regra Pastoral* expressa a grande preocupação de Gregório Magno com a vida e com os ministérios dos pastores e a condução das ovelhas a quem são destinados. A primeira preocupação deste grande Padre da igreja foi deixar claro, a quem o ministério pastoral deve ser confiado. Ele ressalta que avarentos, orgulhosos, soberbos e outros tipos de temperamentos, não deveriam existir naqueles que assumem o mi-

nistério pastoral, mas também, se preocupa com aqueles que se entregando de maneira exacerbada às atividades do ministério, descuidam-se da saúde do espírito.

A virtude da humildade deve ser a característica fundamental para aquele que almeja o ministério.

Há também alguns que aprofundam, com muita atenção, os ensinamentos do Espírito, mas depois pisoteiam, com a própria conduta de vida, o que conseguem compreender com a inteligência; e ei-los facilmente ensinando o que aprenderam com o estudo, mas não com a prática. O que pregam com as suas palavras, contradizem com as suas ações. Assim acontece que, quando um pastor caminha por despenhadeiros, o rebanho o segue até o precipício. Por isso, o Senhor se lamenta da desprezível ciência dos Pastores, dizendo por meio do profeta: Enquanto vós bebeis água limpa, turvais o resto com os vossos pés e as minhas ovelhas se nutriam de quanto háveis pisoteado com os vossos pés e bebiam a água que os vossos pés haviam turvado. (GREGÓRIO MAGNO, 2010, p. 23).

Esta é uma das preocupações, do grande Padre da igreja, que os pastores não sejam apenas homens da letra, mas que tenham a alma cheia do Espírito para alinhar, fé e vida, na condução do rebanho. Isso está entre as preocupações da Regra Pastoral, para que as ações do presbítero estejam alinhadas com a dignidade da missão que receberam.

Pois, como afirma o próprio autor “[...] ninguém causa maior dano à Igreja do que aquele que, tendo um título e uma posição que comportam santidade, vive uma vida corrupta.” (2010, p. 23).

A usurpação do ministério, que segundo Gregório é dom gratuito, não deve ser usado para alcançar cargos ou funções elevadas, mas pelo

contrário, deve ser um caminho de humildade e conformidade com a vontade de Deus e a graça recebida. Uma vez que, o próprio Senhor Jesus, sendo Deus e mediador dos homens, não quis sobre a Terra usurpar de sua condição para receber as honrarias deste mundo.

Frente a isso, podemos dizer que o autor da Regra Pastoral, quer demonstrar a dignidade do ministério dos pastores e a grande responsabilidade que aqueles, que por graça e misericórdia receberam essa missão, devem desempenhar, segundo o exemplo daquele que é fonte do ministério sacerdotal, Jesus Cristo.

Dessa maneira, as virtudes necessárias para a personalidade do presbítero, são aquelas que se opõem à ganância, à presunção e outras da mesma ordem. Segundo Tutas,

Contrárias às virtudes que devem caracterizar a personalidade do presbítero, colocam-se a inveja e a ambição, temas que retornam tanto no pensamento de Crisóstomo como no de Gregório Magno. Ambos observam que os critérios inspiradores para a eleição são vários e visam mais aos interesses do que às virtudes da alma. (TUTAS, 2015, p. 514).

Por isso, Gregório se preocupa em desaconselhar a assumir o ministério, aqueles que não possuem a virtude da humildade, mas com ganância desejam fazer de sua posição uma escada para cargos mais elevados.

A discussão sobre os vícios a serem evitados ou sanados naqueles que querem abraçar o ministério será vasta. Oferecemos aqui algumas das principais questões levantadas por este santo Padre. Passaremos, agora, aquelas virtudes necessárias para bem exercer esse ministério.

O capítulo X da **Regra Pastoral** começa com a seguinte pergunta, “Quem deve assumir o gover-

no das almas?" ao passo que a resposta será de imediato, que este está reservado para aqueles que mortificam a carne e vivem no Espírito, que não buscam as vantagens deste mundo, que são fortes na tribulação e almejam o crescimento interior.

Gregório oferece uma lista de virtudes a serem trabalhadas na vida daqueles que foram chamados, por graça e não mérito, para o exercício do ministério pastoral.

Uma inata bondade o inclina a perdoar, mas não transige o que é justo, sendo mais indulgente do que convém. Nada comete de ilícito, mas deplora como próprio o mal cometido pelos outros. Compadece-se pela fraqueza dos outros, com todo o afeto do seu coração, e se alegra com o bem do próximo, assim como se alegra com o seu. Tudo o que ele faz é, para os outros, um exemplo atraente, de modo que não tem de que se envergonhar diante deles, nem mesmo de fatos passados. (GREGÓRIO, 2010, p. 29).

O que o autor deseja é lembrar que aqueles que são escolhidos e chamados por Deus, devem viver uma vida condigna com a sublimidade de sua vocação. Uma vez que, o presbítero, é aquele que, entre Deus e os homens, intercede e pede as graças necessárias para si e para seu povo. E que é capaz "de irrigar com as águas de um belo ensinamento, os corações sedentos de sentido" (2010, p. 29).

Nesse papel de intercessor, Gregório demonstra que o pastor é um homem que conta com a graça divina. Pois, de caso contrário, não obteria do próprio Deus os favores necessários.

Outra característica importante daqueles que pastoreiam, é o dom do discernimento. Isso recai, sobre a maneira de como corrigem, e como usam de ternura para com o seu rebanho. Gregório diz, que muitas vezes, é necessário ao pastor fechar os olhos com prudência aos vícios dos seus fiéis, mas nunca faltar com a devida caridade e diligência em corrigir os vícios e as más inclinações.

Por isso, nunca deve deixar de usar sua autoridade discreta para intervir e fazer voltar ao bom caminho aquela ovelha que se desviou.

A graça da vocação presbiteral está expressa na sua configuração a Cristo, na medida em que Nele estão presentes os mesmos sentimentos que havia em Nosso Senhor. Por isso, afirma Tutas ao sintetizar o conteúdo da Regra Pastoral, colocando o acento na paternidade espiritual da cura de almas.

Todavia, a beleza da alma do presbítero resplandece no cultivo do carisma da paternidade espiritual. Os sacerdotes são a causa do renascimento espiritual de todos os batizados que se tornam filhos de Deus. A eles foi entregue não somente a geração espiritual, mas também a cura das almas, por eles serem médicos de almas por excelência (cf. Tg. 5,14-15). Essa responsabilidade exige do presbítero um alto grau de vida espiritual que supera a todos pelos quais ele é mediador e intercessor. (TUTAS, 2015, p. 525).

Sendo assim, o que podemos compreender a partir da **Regra Pastoral** é, que o dom da vocação, é graça imerecida dada aos homens por Deus através de Jesus Cristo, sumo e eterno sacerdote, mediador entre Deus e os homens. Cabe àqueles, que sendo chamados a este ministério, devem buscar configurar-se a Cristo, pastor e cabeça que se oferece por todos.

O presbítero é o homem de virtudes a serem pedidas e buscadas diariamente. Há nesse movimento uma relação profunda com os auxílios da graça atual, sabemos que o sacramento da ordem imprime caráter indelével na alma daquele que o recebe.

No entanto, o que São Gregório quer lembrar aos ministros é que, embora a graça supere todos os esforços humanos, é necessário pedir a graça atual para alcançar as virtudes necessárias para condução do povo de Deus. Ou seja, a humildade, a benignidade, a autoridade discreta,

a sabedoria necessária, a caridade paciente e as demais virtudes.

No próximo tópico, aprofundaremos a atualidade do conteúdo trazido pela **Regra Pastoral** e que influenciou muitos documentos referentes a atividade e a dignidade dos presbíteros, homens chamados a ser fiéis dispensadores dos mistérios divinos na administração dos sacramentos, que como nos lembra a Santa Igreja, são sinais visíveis da graça invisível.

3 SÃO JOÃO CRISÓSTOMO: A GRAÇA NA OBRA SOBRE O SACERDÓCIO

Um importante Padre da igreja oriental, que merece destaque, é São João Crisóstomo, nascido em Antioquia da Síria. Pregador e escritor, estudou Filosofia e Retórica, vindo mais tarde a retirar-se para uma vida mística no deserto, onde estudou as Escrituras, sendo forçado a retornar à cidade, após uma enfermidade. Ordenado presbítero e mais tarde, bispo de Constantinopla, recebeu a alcunha de Crisóstomo, que em Grego significa "boca de ouro".

Devido a sua grande eloquência e ao profundo conteúdo místico e teológico de suas obras, entre elas, está a obra **Sobre o Sacerdócio**, onde o venerável bispo disserta sobre a graça do ministério sacerdotal, sobretudo, na forma que tal ministério deve ser exercido por um presbítero da igreja.

Segundo Tutas (2015, p. 504), a obra **Sobre o Sacerdócio** de São João Crisóstomo, "situa a figura do grande pastor no seu mundo oriental, sua época, seu contexto histórico, cultural e religioso, que foi marcado por profundas transformações".

A obra de Crisóstomo é uma grande contribuição histórica sobre o ambiente eclesial e a relação com a honra do sacerdócio. Nela o grande pastor faz um apanhado de ricos ensinamentos sobre a

graça do ministério sacerdotal. Bem como, estabelece os requisitos a serem encontrados naqueles que desejam abraçar o presbiterato.

O fascinante testemunho de João Crisóstomo, considerado "o maior pregador cristão da história", como grande pastor e orador desperta a convicção de que, hoje, voltar aos Padres da Igreja, significa encontrar novas luzes e inspiração na atuação da desafiante missão que os presbíteros desempenham no mundo inteiro como realização do projeto da vida sacerdotal que a eles foi confiado através da Ordem sacra. (TUTAS, 2015, p. 505).

O *Tratado Sobre o Sacerdócio* versa sobre a grande responsabilidade dos ministros sagrados, mas aqui, nos importa aquilo que Gregório traz nos livros III a V desta obra. Aí está o cerne das considerações trazidas pelo "boca de ouro", sobre o ministério pastoral na vida presbiteral.

Na visão de Crisóstomo, o sacerdócio é de caráter e instituição divina, embora seja exercido por homens nesta terra, é o próprio Espírito Santo que instituiu tal função. O "boca de ouro" considera o sacerdócio uma graça tão sublime, que admite que essa, deveria ser reservada aos anjos. No entanto, Deus escolheu homens de carne e sangue para tão sublime ministério, o que exige dos homens a pureza dos anjos, uma vez, que receberam tamanho dom.

Talvez mesmo as instituições de antes do tempo da graça já tenham incutido temor e tremor, assim como as campainhas, as pedrarias e anéis no peitoral e nos ombros, o "efod" e o Santuário em seu silêncio. Examinando, porém, o que a graça nos trouxe, constatamos que tudo isso perde de importância verificando-se, também nisso, o que Paulo dissera sobre a Lei: "E diante desta glória eminente, o esplendor do primeiro ministério já não é mais glória". II Cor. 3, 10 (CRISÓSTOMO III, 4).

O sacerdote para Crisóstomo é alvo do imenso amor de Deus para com os homens, pois faz descer sobre o altar, com suas próprias mãos e

as palavras do Senhor. Sobre o ato da consagração diz-nos: "Quem está sentado ao lado do Pai nas alturas, naquela hora, é tocado pelas mãos de todos." (CRISÓSTOMO III,4).

Assim o ministério pastoral constitui uma graça extraordinária legada a homens que recebem o beneplácito de ter, entre as mãos, o próprio corpo do Senhor, oferecido de maneira incruenta; um serviço angelical, exercido por mãos humanas. É bem verdade, que embora a santidade do presbítero, seja importante para o crédito de suas obras, a graça independe desse, pois o próprio Senhor, quis confiar aos homens a tarefa de santificar e pastorear o seu povo.

Por isso, o presbítero é aquele que, vivendo no mundo, está encarregado de distribuir a graça para a salvação das almas. São eles quem pelo poder divino ligam e desligam as almas ao céu.

Dessa maneira o Senhor também os constituiu juízes entre os homens e Deus, tamanha a graça que se encerra no dom da vocação sacerdotal, ser entre os homens e Deus, pontífice das coisas sagradas, confiadas a fraqueza humana e sustentadas pela graça divina.

Se alguém tomar em consideração a graça extraordinária de que um homem composto de corpo e sangue pode aproximar-se tão intimamente daquele ser santo e puro, deverá convencer-se da honrosa e alta dignidade que a graça do Espírito Santo confere aos sacerdotes. É por intermédio deles que o sacrifício se realiza e são distribuídas graças para a nossa salvação eterna. São homens que vivem neste mundo e nele encontram sua ocupação, a quem se confiou a administração de tesouros celestiais dando-lhes, com isto, poderes que Deus não conferiu nem a anjos nem a arcanjos. Pois é a estes que foi dito: "Tudo que ligardes na terra terá sido ligado no céu, e tudo o que desligardes na terra, terá sido desligado no céu". (Mt 18,18). (CRISÓSTOMO III, 5).

Dessa maneira, podemos dizer que na visão deste grande Padre oriental, o ministério pas-

toral carrega em si, um dom sobrenatural que ultrapassa os limites da razão humana. Isso está expresso na relação que o próprio Crisóstomo estabelece entre o sacerdócio e o serviço dos anjos que assistem à liturgia celeste. No entanto, o poder de fazer descer sobre o altar o corpo e o sangue do Senhor foi reservado à natureza humana.

A obra ***Sobre o Sacerdócio*** surge para suscitar uma reflexão mais profunda, sobre a vida interior e a índole dos candidatos à ordem presbiteral, uma vez que as disputas por cargos e o carreirismo cresciam no interior da Igreja de Cristo. Sobre isso, diz-nos Tutas,

Como critério de discernimento não havia mais a sensibilidade pela vida espiritual do novo candidato: "a pessoa realmente apta, porém, não é nem questionada, porque todos se omitem a considerar apenas as qualidades da alma". Ele observa a ausência de um critério básico nas indicações de principais cargos eclesiais, e isso gera escolhas incompatíveis com as funções a serem assumidas e desenvolvidas na Igreja, o que significa que as eleições acabam sendo realizadas segundo as conveniências dos eleitores, e não levando em consideração a competência dos candidatos. (TUTAS, 2015, p. 507)

Portanto, o grande bispo e pregador de Constantinopla oferece uma profunda e pertinente reflexão teológica sobre o profundo significado da graça concedida aos homens, ao permitir que estes exerçam o ministério sacerdotal, no governo e instrução do povo às verdades eternas.

A reflexão sobre a graça na vida sacerdotal ocupará as próximas linhas de nosso trabalho. Veremos a importância de compreendermos a ação da graça na vida da Igreja, agindo em seus ministros e através deles.

A vida na graça é um dos temas que permearam os debates teológicos durante séculos na história da Igreja, uma vez que implica discutir o agir gracioso de Deus para com o homem. Tra-

ta-se de elementos teológicos discutidos desde as elaborações de grandes teólogos do período patrístico.

Cabe a interrogação: porque entre os séculos de elaboração de uma teologia da graça, escolhamos autores, santos e doutores, do período patrístico? A resposta, está embasada nos caminhos e rumos que o Concílio Vaticano II tomou por base, indo as fontes patrísticas para embasar suas elaborações teológico doutrinárias.

O ponto de partida dos documentos do Concílio Vaticano II (1962-1965), é o alicerce teológico e doutrinário para adentrarmos na discussão sobre a vida da graça na igreja e no ministério presbiteral. Sabemos que o batismo nos torna filhos de Deus, assembleia santa, sacerdócio régio, com a missão profética de anunciar a boa nova do Evangelho.

Seguindo a trilha de nossa reflexão, veremos como a dimensão do sacerdócio se articula na reflexão do magistério da Igreja.

4 O SACERDÓCIO COMUM DOS FIÉIS NA *LUMEN GENTIUM*

A constituição dogmática pós-conciliar *Lumen Gentium*, sobre a Igreja, traz em seu início o desejo dos padres conciliares de estender a luz de Cristo a todo o mundo. Assim, a Igreja torna-se sinal da união dos homens com Deus e entre si. A grande novidade trazida pela LG, é a compreensão da Igreja como povo de Deus, é a chamada chave para compreender a eclesiologia do concílio Vaticano II.

Nosso foco aqui, recairá sobre a compreensão que se dá a graça batismal na vida dos fiéis. Os padres conciliares entenderam que, uma vez nascidos da graça, todo homem em Cristo, torna-se filho de Deus, e além disso, povo de Deus.

Desta maneira, como assembleia santa, povo sacerdotal, todos participam do chamado sacerdócio comum, que é dado a todo batizado com o sinal da graça batismal, exercido por todo fiel e posto a serviço da comunidade cristã.

A partir desses pressupostos, podemos afirmar que os leigos e leigas, no exercício de seu sacerdócio comum, não só pertencem à comunidade eclesial, mas "ipso facto" são comunidade eclesial. Seu ministério goza de certa estabilidade e reconhecimento público, conferido por aqueles que exercem a missão de reger a comunidade de fé. (PEREIRA, 2009, p. 156).

Como fiéis leigos, participam do *múnus* sacerdotal, através da cooperação com os pastores, no serviço à igreja, através dos ministérios próprios do seu estado de vida, cooperam para o crescimento da vida eclesial.

É preciso ter clareza de que há uma diferença de essência, entre o sacerdócio comum dos fiéis e o sacerdócio ministerial, embora ambos participem do mesmo sacerdócio de Cristo, mantendo uma estreita relação entre si (LG, 10). Ao sacerdócio batismal, cabe segundo a *Lumen Gentium*: Em virtude de seu sacerdócio régio tomam parte na oblação eucarística. Exercem contudo seu sacerdócio na recepção dos sacramentos, na oração e na ação de graças, no testemunho da vida santa, na abnegação e na prática da caridade. (LG, 10).

Desta forma, o sacerdócio comum é graça batismal, oferecida a todo homem incorporado ao corpo de Cristo e a Igreja povo de Deus, exercido na cooperação com o sacerdócio ministerial expresso pelo sacramento da ordem que imprime caráter aqueles que o recebem.

Do meio do povo de Deus, alguns são chamados a exercer seu ministério de maneira mais específica. Por isso vale lembrar o que nos diz a carta aos Hebreus no capítulo V, "Todo sumo sacerdote é tirado do meio dos homens e insti-

tuído em favor dos homens nas coisas que se referem a Deus...”.

Como veremos adiante, o sacerdócio ministerial também é um ministério específico, que contém suas particularidades, entre elas o governo do povo sacerdotal, o oferecimento do sacrifício eucarístico em nome de Cristo, em favor do povo.

5 A GRAÇA E O SACERDÓCIO MINISTERIAL NA PRESBYTERORUM ORDINIS

Como vimos até agora, o Concílio Vaticano II através da *Lumen Gentium* recuperou o sentido do sacerdócio comum dos fiéis, como graça batismal a ser vivida por todo fiel batizado. No entanto, o mesmo documento distingue esse sacerdócio, do sacerdócio ministerial, aquele exercido pelos chamados à ordem dos presbíteros.

Sacerdócio ministerial é recebido pelo sacramento da ordem, aqueles que o recebem estão marcados pela graça de Cristo, que oferece aos homens a possibilidade de tomarem parte do único sacerdócio verdadeiro, o do próprio Senhor. Assim, nos diz *Lumen Gentium* 11 “Os fiéis marcados pelo sacramento da ordem são igualmente constituídos em nome de Cristo, para conduzir a Igreja pela palavra e pela graça de Deus”. Como podemos ver o ministério sacerdotal deve ser marcado pela graça Divina.

A partir de agora, passaremos a tratar do sacerdócio ministerial através da visão do decreto conciliar *Presbyterorum Ordinis* sobre o ministério e a vida sacerdotal. Esse importante decreto conciliar trata da vocação ao ministério presbiteral e suas especificidades.

Desde o princípio Deus escolheu homens para guiar seu povo, assim foi com Moisés, Aarão e os profetas. Com a encarnação do filho e o nascimento das comunidades cristãs, pela missão

dos apóstolos, foi preciso eleger presbíteros, termo grego que significa irmão mais velho, ancião.

Na chefia das comunidades cristãs, desde o início do cristianismo, encontram-se πρεσβυτεροι – presbyteroi: na Ásia Menor (At 14,23); em Jerusalém (At 11,30; 15,22); em Éfeso (At 20,17); em Creta (Tt 1,5, cf. 1Tm 5,1; 1Pd 5,1-5; 2Jo 1; 3Jo 1; 1Tm 4,14). É bom observar, que o termo presbítero é sinônimo, na linguagem do NT, do termo επισκοπος – episcopo (At 20,17 e 28; Tt 1,5-7), o qual se emprega também no plural (Fl 1,1) designando chefes de uma Igreja local. (STADELMANN, 2011, p. 32).

Dessa maneira o ministério presbiteral está ligado à missão de Jesus como redentor. Assim, Deus quis precisar do homem para mediar a relação entre ele e a humanidade. Por isso, o presbítero está unido ao corpo de Cristo através da unção sacerdotal, no entanto, esse, diferentemente dos demais fiéis, participa do sacerdócio de Cristo como cabeça e pastor. O objetivo de seu ministério é promover a glória de Deus por Cristo, dessa forma: pelo ministério sacerdotal, o sacrifício espiritual dos fiéis se realiza em união com o sacrifício de Cristo, mediador único, que pela mão dos sacerdotes, e em nome de toda igreja, é oferecido incruenta e sacramentalmente na eucaristia, até que o Senhor venha (PO, n.2).

A celebração da liturgia é, por isso, o cerne da vocação presbiteral, pois o presbítero através da liturgia e do culto, exerce esse papel da mediação da graça divina, mas suas funções vão além de ser meros oficiantes da liturgia da igreja. São eles também, os líderes das comunidades que devem em nome da igreja, educar os fiéis na fé pela doutrina, santificando o povo de Deus pelos sacramentos e pelas obras de misericórdia.

Podemos indagar, qual a missão e o lugar dos presbíteros no mundo? A isso, a PO, responde dizendo “os sacerdotes do Novo Testamento [...] não podem ser ministro de Cristo sem testemunhar e estar a serviço de algo que ultrapassa a vida terrena” (PO, n. 3). Isso expressa a dignidade

do ministério presbiteral, enquanto homem das coisas futuras, há uma tonalidade escatológica na missão do presbítero, santificar, pastorear e governar. São os três múnus, reservados ao sacerdócio. No entanto, é fundamental que esses alimentem nos fiéis a esperança das coisas futuras. O encontro com o Senhor na eternidade.

Assim, o presbítero deve possuir importantes virtudes a serem pedidas e alcançadas com auxílio da graça atual. São virtudes essas "a bondade do coração, a sinceridade, a força de ânimo e a constância, o senso de justiça, a afabilidade no trato e tudo que recomenda o apóstolo dizendo: ocupem-se, irmãos, com tudo que é verdadeiro, nobre, justo, puro, amável, honroso, virtuoso, ou que de algum modo mereça louvor". (Fl 4,8).

A função do presbítero se desdobra, portanto, como ministro da palavra do qual devem ser exímios conhecedores e praticantes, admoestando o povo de Deus, levando a boa nova, confortando os tristes e aflitos. Como diz São Paulo aos Romanos "a fé vem do ouvir e o que se ouve é a palavra de Cristo". Por isso, o presbítero deve pregar com veemência o Evangelho, comunicando a verdade do Senhor.

Uma vida santa e honesta também coopera para que os fiéis a exemplo de seu pastor, levem uma vida digna do ser cristão. Outra função, muito importante do presbítero, é a administração dos sacramentos. Diz-nos a **Presbyterorum Ordinis**

Deus, que somente é santo e santificador, quis colocar humildes associados e auxiliares a serviço da obra de santificação. Nesse sentido, os sacerdotes são consagrados a Deus, por ministério do bispo, como participantes, a título especial, do sacerdócio de Cristo, para que atuem nas celebrações sagradas como ministros daquele que exerce incessantemente, por nós, na liturgia, seu papel sacerdotal, no Espírito. (PO, n. 5).

Fica evidente a função do ministério sacerdotal, como dispensador da graça divina, são eles,

que iniciam os homens através do sacramento do batismo na vida cristã, e exercendo o múnus apostólico do perdão dos pecados, através do sacramento da penitência reconciliam os homens com Deus. Confortam os doentes com o bálsamo da unção, e oferecem o santo sacrifício, em favor de si e do povo. No entanto, é na eucaristia que reside todo bem espiritual da Igreja, ou seja, Cristo Cordeiro Imolado, feito pão para a vida do mundo. Isto quer dizer que: "Essas expressões mostram a ação de Cristo em seu ministro, enquanto seu instrumento pessoal, ou seja, a sacramentalização do senhorio de Cristo em sua Igreja na pessoa do presbítero. Além dessas expressões, está presente a expressão **in nomine Ecclesiae**, igualmente usada nos mesmos documentos". (HACKMANN, 2011, p. 1098)

É por isso que o sacerdócio ministerial representa Cristo cabeça e pastor. Isso quer dizer que na pessoa do presbítero, se torna presente o Senhor enquanto essas duas características, configurando-se a Ele, os presbíteros podem agir na pessoa Dele. É Cristo que age através de seu ministro que é aquele instrumento pessoal, com o qual o Senhor faz de sua Igreja, sacramento de Salvação.

Sobre a vocação presbiteral, essa é dom espiritual recebida na ordenação, e deve orientar-se para a salvação das almas, é a participação na missão universal, que o próprio Senhor confiou aos apóstolos. E por isso, devem cuidar da sua vida espiritual e da saúde do corpo e da mente.

A graça do ministério presbiteral dá-se através do sacramento da ordem, que associa os presbíteros a Cristo Sacerdote, e por isso, todo sacerdote deve buscar a perfeição, apesar de sua fraqueza humana, pois, são consagrados a Deus pela ordenação sacerdotal, tendo como missão, prosseguir no tempo a obra redentora e reunir em Cristo todos os homens. Isto significa que, "como representante de Cristo, o sacerdote recebe a graça de ir se aperfeiçoando no serviço da comunidade que lhe é confiada, e de todo o povo de Deus. Suas fraquezas, como homem,

são sanadas por aquele que é "pontífice santo, inocente, impoluto e isento de todo o pecado" (Hb, 7,26). (PO, n. 12).

Dessa maneira, o presbítero é aquele "homem na graça", que trabalha e aperfeiçoa as suas virtudes naturais. O concílio Vaticano II ao resgatar a imagem do presbítero como participante do sacerdócio episcopal, fala da comunhão deste com seu bispo, participam ambos do sacerdócio de Cristo, que por graça, concedeu aos homens e não aos anjos, a função de ser dispensadores dos mistérios sagrados.

6 O PRESBÍTERO NO DOCUMENTO DE APARECIDA

O Documento fruto da Conferência do Episcopado Latino-Americano e Caribenho (CELAM), ocorrida no Brasil no ano de 2007, no Santuário de Nossa Senhora Aparecida, teve como tema "Discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que nossos povos Nele tenham vida". Como era de se esperar, e a exemplo de outras conferências de mesmo nível, refletiu entre outros temas a identidade do presbítero, sua missão e seu lugar no mundo.

Quanto a questão identitária, o Documento de Aparecida, retoma as definições do Vaticano II, do presbítero como aquele que está a serviço, do sacerdócio comum dos fiéis. A partir daí ressalta a graça que está relacionada a cada uma das situações, os fiéis quanto ao batismo e os ministros quanto ao sacramento da Ordem. Assim afirma Limberger: "O sacerdócio ministerial, ao invés, fundamenta-se no caráter impresso pelo sacramento da Ordem, que configura a Cristo sacerdote, de modo a poder agir na pessoa de Cristo Cabeça com poder sagrado, para oferecer o Sacrifício e para perdoar os pecados" (...). (LIMBERGER, 2011, p. 83).

Dessa forma, o documento resgata a identidade presbiteral a partir da compreensão do Concílio Vaticano II, no entanto, ressalta a missão do presbítero, como aquele que recebendo a graça própria do sacramento da ordem, está a serviço do povo de Deus. Assim, segundo o DA, presbítero é dom para comunidade, não é mero delegado da comunidade, mas aquele que leva os cristãos ao crescimento espiritual, dada a sua unção, e a identificação com Cristo pastor.

O presbítero, à imagem do Bom Pastor, é chamado a ser homem de misericórdia e compaixão, próximo a seu povo e servidor de todos, particularmente dos que sofrem grandes necessidades. A caridade pastoral, fonte da espiritualidade sacerdotal, anima e unifica sua vida e ministério. Consciente de suas limitações, ele valoriza a pastoral orgânica e se insere com gosto em seu presbitério. (DA, n. 198)

O documento de Aparecida, ainda traz para a discussão a inserção do presbítero na cultura atual, nas realidades que circundam a vida paroquial, que vem passando por grandes transformações. O que exige cada vez mais do presbítero, uma identificação com Cristo Bom Pastor.

Em síntese, o que o DA faz é resgatar a imagem de presbítero trazida nos documentos do Vaticano II referentes a esses, acrescentando o caráter missionário desse ministério. Dessa forma, o presbítero vive a graça própria do Sacramento da ordem, no serviço ao povo de Deus, através de uma vida íntegra, dedicada à salvação das almas, na pregação, na Eucaristia, na comunhão com seu Bispo e presbitério.

Para isso, a formação do presbítero deve ser integral, nas dimensões estabelecidas pela Igreja. A espiritualidade, formação humana e afetiva e comunitária, devem oferecer uma base sólida, para que os que almejam por vocação o ministério de presbítero da Igreja, tenham as condições necessárias, para bem exercê-lo em favor do povo de Deus.

O presbítero visto por Aparecida é alguém conduzido pelo Espírito Santo e pela graça divina, pois descobriu a nobreza de seu ministério em favor do povo de Deus. E assim precisa estar em constante formação, para não se tornar alheio às transformações de seu tempo, que lhe exigiram, cada vez mais, uma disposição para missão e para o anúncio.

O Povo de Deus sente a necessidade de presbíteros discípulos: que tenham profunda experiência de Deus, configurados com o coração do Bom Pastor, dóceis às orientações do Espírito, que se nutram da Palavra de Deus, da Eucaristia e da oração; de presbíteros-missionários: movidos pela caridade pastoral que os leve a cuidar do rebanho a eles confiado e a procurar os mais distantes, pregando a Palavra de Deus, sempre em profunda comunhão com seu Bispo, com os presbíteros, diáconos, religiosos, religiosas e leigos;[...] (DA, n. 199).

O presbítero é por isso, discípulo-missionário com uma profunda vida espiritual, que o leva a ser como Jesus Cristo pastor, amigo dos pequenos e dos pobres, não só materialmente, mas também daquela pobreza que atinge o mais profundo da alma humana e a joga no relativismo. É homem da misericórdia de Deus, da Eucaristia, que sabe ter compaixão, que vai além dos muros da própria casa paroquial, está profundamente imbuído da caridade pastoral.

7 A VIDA SACERDOTAL, A VIDA NA GRAÇA

Por alguns instantes poderíamos questionar, mas afinal qual é a relação da graça na história e na vida presbiteral? A resposta é simples, o presbítero, sacerdote, padre, ou como queiramos nos referir, a essa figura tão essencial na vida da Igreja, é chamado a ser um homem da graça. Tais

questionamentos também nos levam a pensar: como o presbítero segue a Cristo? Como refletir a atuação ministerial de forma a professar a fé em Jesus Cristo e seu sentido no mundo? Como vivenciar uma espiritualidade movida pela graça?

Se recordarmos por alguns instantes a teologia do sacerdócio, lembraremos que o padre, participa enquanto homem, do sacerdócio de Cristo pastor e cabeça, e não só, enquanto ministro sagrado, na sagrada liturgia, age *in persona Christi*, faz às vezes do próprio Senhor. Gostaríamos de resgatar aqui, alguns pontos trazidos pelo Santo Padre o Papa Bento XVI durante o ano sacerdotal de 2009. Ao comentar as motivações para esse ano, diz-nos Carlos: "O Sumo Pontífice pensa pois nos presbíteros que, diariamente procuram imitar as atitudes do Bom Pastor, Jesus Cristo, e aderir a Ele com a totalidade da sua existência; e dirige-se particularmente aos sacerdotes imersos no sofrimento, participando da dor humana ou incompreendidos pelos destinatários do seu ministério". (CARLOS, 2012, p. 11).

Desse modo fica evidente a preocupação de Bento XVI, com a saúde espiritual de seus sacerdotes, homens chamados a viver uma vida reta, dedicada ao povo de Deus, como homens da esperança, que muitas vezes, sofrem com as incompreensões e agruras por parte de sua própria comunidade.

Não podemos nos esquecer daquele que é o fundamento de todo ministério sacerdotal, e deve ser ele o modelo e o referencial, para todos aqueles que foram escolhidos e chamados para esse ministério,

De facto, "a centralidade de Cristo traz consigo a justa valorização do sacerdócio ministerial, sem o qual não haveria Eucaristia, nem muito menos a missão e a própria Igreja". Por isso, "Cristo, que é o Caminho, a Verdade e a Vida (cf. Jo 14,6), [diz o Papa Bento XVI] seja o tema do nosso pensar, o argumento do nosso falar e o motivo do nosso

viver". Efectivamente, o próprio Cristo não atribuiu a si mesmo o título de sacerdote (cf. Hb 5,5). Neste sentido, destacamos alguns "modelos" de sacerdote, reconhecendo Jesus como único e eterno Sacerdote (cf. Hb 7,1-28). Jesus Cristo é Aquele que se entrega pela salvação da humanidade. (CARLOS, 2012, p. 38).

Aqui, o presbítero é lembrado como continuador da obra de Cristo, Ele assim como o Senhor, deve entregar-se pela obra redentora, que continua na Igreja até a consumação dos séculos, na celebração da Eucaristia, em uma vida a serviço dos irmãos, como o fizeram tantos santos sacerdotes na história da Igreja, como São João Maria Vianney, que através de seu ministério transformou a dura realidade eclesial de Ars. Poderíamos citar ainda tantos outros exemplos, que fizeram de seu ministério um canal por onde as graças abundantes do Senhor, passaram e irrigaram a vida do povo fiel, e assim a graça, supera as debilidades e fragilidades humanas, como lembra o próprio Bento XVI:

[...] diante de tantas incertezas e canseiras, também no exercício do ministério sacerdotal, é urgente a recuperação de um juízo claro e inequívoco sobre a primazia absoluta da graça divina, recordando o que escreve S. Tomás de Aquino: "O menor dom da graça supera o bem natural de todo o universo" (*Summa Theologiae*, I-II, q. 113, a. 9, ad 2). Por conseguinte, a missão de cada um dos presbíteros dependerá, também e sobretudo, da consciência da realidade sacramental do seu "novo ser". (BENTO XVI, 2009, p. 2).

O sacerdócio é dom gratuito, e deve se fazer dom na vida de muitos, para levar a cabo a obra da salvação dos homens, um homem que se deixou tocar pelo Espírito Santo que tem a nobre tarefa de santificar, governar e pastorear o povo fiel.

No entanto, para bem viver sua vocação e seu ministério, o presbítero, necessita de uma vida

em sintonia com a palavra de Deus, com o ensinamento da Igreja, uma forte espiritualidade eucarística e comunhão fraterna.

A Exortação Apostólica Pós-Sinodal **Pastores Dabo Vobis** de São João Paulo II, sobre a formação dos sacerdotes, nos ajuda a compreender a especificidade da espiritualidade sacerdotal, como uma vocação específica à santidade.

Por isso, o presbítero deve cultivar uma espiritualidade própria, que tem como fruto a caridade pastoral, como nos lembra a exortação: "[...] Já desde a consagração do Batismo, receberam, tal como todos os fiéis, o sinal e o dom de tão insigne vocação e graça, para que mesmo na fraqueza da condição humana, possam e devam alcançar a perfeição, segundo quanto foi dito pelo Senhor: "sede perfeitos como é perfeito o vosso Pai celeste" (Mt, 5,48) (PdV n. 20).

Desta maneira, a espiritualidade presbiteral, deve almejar uma vida na graça, em favor do povo de Deus. Não obstante, a fonte da espiritualidade presbiteral deve ser uma inspirada na Trindade. Pois, nela está o modelo de comunhão, do qual o presbítero está convidado a ser sinal entre o povo.

Desse modo, a caridade pastoral que é própria de uma espiritualidade de comunhão, está em sintonia com aqueles conselhos encontrados na primeira carta de Pedro.

Aos presbíteros que estão entre vós, exorto eu, que sou presbítero como eles e testemunho dos sofrimentos de Cristo e participante da glória que há de ser revelada. Apascentai o rebanho de Deus que vos foi confiado, cuidando dele, não por coação, mas de livre vontade como Deus o quer, nem torpe ganância, mas por devoção, nem como senhores daquele que vos couberam por sorte, mas, antes, como modelo do rebanho. Assim quando aparecer o supremo pastor, receberéis a coroa imarcescível da glória (I Pd 5,1-4).

Nas palavras do apóstolo Pedro, o presbítero é aquele que recebeu de Deus a graça de tornar-se pastor do rebanho de Cristo, por isso, não deve fazer de sua condição, uma oportunidade para submeter o rebanho que lhe foi confiado. Portanto, para viver uma vida de santidade, aquele que está à frente, deve configurar-se cada vez mais ao Cristo cabeça e pastor. Devido a sua consagração sacramental, o padre recebeu da Igreja a graça de um poder espiritual.

É pelo Espírito Santo, através do sacramento da ordem, que, “a vida espiritual do sacerdote fica assinalada, plasmada, conotada por aquelas atitudes e comportamentos que são próprios de Jesus Cristo cabeça e pastor e se compendiam na sua caridade pastoral” (PdV, n. 21).

Assim, a vida espiritual do presbítero, deve transmitir a alegre disposição de servir como modelo para o rebanho. Podemos nos perguntar, mas afinal o que é a caridade pastoral, que marca a vida do presbítero? Se buscarmos a etimologia da palavra caridade, veremos que em sua raiz está o termo grego, **cháris**, que significa graça, que como já vimos ao longo deste texto, expressa benevolência, compaixão, doação.

Desta maneira, caridade pastoral é oferecer-se como dom, pelo povo de Deus. Não é coincidência que sabiamente a Igreja escolheu esse termo para caracterizar a espiritualidade do presbítero, que deve ser dom para o povo de Deus. Assim, enfatiza a **Pastores Dabo Vobis** “o conteúdo essencial da caridade pastoral é o dom de si; o total dom de si mesmo à Igreja, à imagem e com o sentido de partilha do dom de Cristo” (PdV n. 23).

Portanto, assim como Cristo ofereceu-se como dom para a salvação dos homens, o presbítero deve oferecer-se totalmente a sua comunidade, mas para isso, ele deve alimentar-se diariamente da Eucaristia, com a qual o senhor nutre e fortalece a vida de seu povo, e como sacerdote, deve dedicar-se à pregação e sobretudo, à vivência da palavra de Deus, com a qual instrui,

exorta e anima o povo. Consequentemente:

A caridade pastoral, que tem a sua fonte específica no sacramento da Ordem encontra a sua plena expressão e supremo alimento na eucaristia: “esta caridade pastoral – diz-nos o Concílio – brota sobretudo do sacrifício eucarístico o qual constitui, portanto, o centro e a raiz de toda vida do presbítero de modo que a alma sacerdotal se esforçara por espelhar em si mesma o que é realizado sobre o altar do sacrifício.” (PdV, n. 23).

A celebração dos sacramentos, também constitui junto à Liturgia das Horas, o elo entre o exercício do ministério e a vida espiritual do presbítero. Aí o dom da graça, torna-se princípio de santidade e chamada a santificação do povo. É pelos sacramentos, que a graça divina, através do ministério presbiteral age na vida dos fiéis.

Por isso, a espiritualidade do presbítero desdobra-se na caridade pastoral, que é o dom total de si em favor do povo, expresso no amor-doação, pois da mesma maneira, que Cristo amou sua Igreja, o presbítero é chamado a amar e servir o povo que lhe foi confiado, não por mérito, mas por graça.

Ao longo de nosso trabalho, fomos abordando sobre diversos aspectos a identidade e a missão do presbítero como homem da graça. O que devemos sempre recordar é que a Graça e o Sacerdócio caminham sempre juntos. O padre é o dispensador dos mistérios divinos, homem com uma vocação sobrenatural, como nos lembra Bento XVI, em discurso proferido durante o Ano Sacerdotal, “Sim! O sacerdote é um homem totalmente do Senhor, porque é o próprio Deus que o chama e o constitui no seu serviço apostólico. E precisamente porque é todo do Senhor, é todo dos homens e para os homens”. (BENTO XVI, 2009, p. 3).

Dessa forma o ministério presbiteral, constitui uma grande graça para a Igreja, pois foi o próprio Senhor quem o quis, por isso, a vida do presbítero deve ser uma vida na graça, expressa

no serviço ao povo de Deus, de quem o Senhor o constituiu pastor e guia.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz do que foi apontado, desde o princípio da criação Deus age na história, ao criar o ser humano estabelece uma ordem entre esse e os demais seres, a graça divina se dava na medida em que Deus e o homem viviam numa relação de amizade. A imagem e semelhança foi a marca com que o próprio criador selou sua predileção pelo homem em meio a toda criação. Temos aqui a graça na criação, primeiro na formação do mundo, até que pela desobediência se instaurou no homem a desordem trazida pelo pecado.

No entanto, Deus não cessa de atrair o homem para si, por isso, estabeleceu uma aliança com o povo de Israel, ao qual amou sem medidas, e não deixou que seu duro coração, fosse um empecilho para que Ele continuasse agindo na história de tal povo. É o **hen** do Deus de Israel, que permite que mesmo nos desvios e infidelidades, o povo não pereça.

Chegada à plenitude dos tempos, Deus que não abandona seu povo, envia seu próprio Filho, Verbo eterno, para assumir a carne humana, sua natureza, devolvendo ao Homem a dignidade de sua condição, tornando-o filho no Filho, não apenas, criatura, mas filho de Deus.

A graça nesse contexto é tema central da escrita neotestamentária, é o **cháris**, nos Evangelhos o tema está transversalmente colocado nos atos de Jesus, nas parábolas e no anúncio do Reino. A literatura joanina oferecerá uma visão mais explícita da graça, no logos divino feito carne e na participação nas realidades divinas. Em São Paulo, a graça é o dom gratuito expresso na eleição gratuita, não mais de um povo apenas, mas de toda a humanidade. São Pedro anuncia

a divinização do homem, que começa no tempo presente e encaminha-se ao fim escatológico.

Sob olhar da Teologia patrística, as contribuições são fundamentais sobre o tema da graça. Gregório de Nissa assumindo a visão de São João, acredita na graça como plena realização da imagem e semelhança, selo da Trindade no homem. E, com Santo Agostinho, encontramos a graça em oposição ao pecado que turva a liberdade humana e o impede de assumir, o Bem como caminho, por isso, em Cristo através da regeneração batismal, o homem é reconduzido à vida da graça e pode tornar-se justo, mas deverá contribuir para sua salvação, através das boas obras.

Chegamos assim, ao nosso recorte específico desenvolvido quanto à graça na vida dos presbíteros, tema que ocupou espaço na Patrística com os grandes Crisóstomo e Gregório, e a profunda reflexão sobre a natureza e a dignidade do presbítero, a graça do sacramento da Ordem, dom do Espírito legado aos homens. Seu pensamento permeia os documentos conciliares, que abordam o sacerdócio comum e ministerial, a formação e a espiritualidade dos presbíteros, numa Igreja que vive da graça.

Ao longo de nosso texto, buscamos oferecer alguns pontos sobre a Teologia da Graça que, como sabemos, é ampla e profundamente discutida, em diversos momentos da história. Aqui, no entanto, buscamos duas fontes fortes da reflexão sobre a graça, Escritura e Santos Padres, deram o tom para chegarmos à relação da graça com a vida do presbítero. A Escritura e a Tradição sempre se ocuparam da dignidade e sacralidade desse ministério.

Assim, a Igreja do Concílio Vaticano II, buscou nessas duas fontes a base para elaboração de importantes documentos que versam sobre a graça na Igreja e na vida de seus ministros, sobretudo os presbíteros, chamados a ser dom total, através da caridade pastoral, marca forte, que

expressa a graça do sacramento da Ordem, que faz de homens comuns, dispensadores das graças divinas.

Uma vez mais, é importante afirmar que a reflexão teológica sobre a graça é, e será, sempre atual, pois a vida do homem está marcada por esse profundo sinal do amor de Deus, que não nos trata conforme merecem nossas faltas, mas se derrama na vida da Igreja, através dos sacramentos, sinais visíveis de graça invisível, além dos pequenos milagres, que todos os dias vemos acontecer, quando nos abrimos a ação amorosa e gratuita de Deus.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, SANTO. **A Graça, I.** São Paulo: Paulus, 1999.
- BARROS, Wellington da Silva. **Da doutrina da graça à antropologia teológica: fundamentos, desenvolvimento, renovação e perspectivas para o pluralismo religioso.** Disponível em: <https://www.academia.edu/12051936/Da_doutrina_da_Graça_à_Antropologia_Teológica>. Acesso em: 27/06/2021.
- BENTO XVI. **Audiência Geral 1º de julho de 2009.** Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/audiences/2009/documents/hf_benxviaud_20090701.html Axc . Acesso em: 24/08/21.
- BINGEMER, M. C. L., FELLER, V. G. **Deus- Amor: a graça que habita em nós, Trindade e Graça II.** São Paulo: Paulinas, 2003.
- CARLOS, Manuel de Fátima Dias. **A Espiritualidade presbiteral nas Intervenções do Papa Bento XVI, por Ocasão do Ano Sacerdotal e na Pastores Dabo Vobis.** UCP. Lisboa, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/16755/1/Tese%20-%20final.pdf> Acesso em: 02/10/2021.
- CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA LUMEN GENTIUM** in :VATICANO II. Mensagens, discursos, documentos. São Paulo: Paulinas, 2007.
- DECRETO PRESBYTERORUM ORDINIS** in :VATICANO II. Mensagens, discursos, documentos. São Paulo: Paulinas, 2007.
- DOCUMENTO DE APARECIDA (2007).** 11. ed. Brasília/São Paulo: Editoras CNBB, Paulus e Paulinas, 2009.
- EXORTAÇÃO APOSTÓLICA PÓS-SINODAL "PASTORIS DABO VOBIS"** Sobre a formação dos sacerdotes. São Paulo: Paulinas, 1992.
- GREGÓRIO DE NISSA, Santo. **A criação do homem; A alma e a ressurreição; A grande catequese.** Tradução Bento Silva Santos. (Coleção "Patrística"). São Paulo: Paulus, 2011.
- GREGÓRIO MAGNO, Santo. **Regra pastoral.** Tradução Bento Silva Santos. (Coleção "Patrística") São Paulo: Paulus, 2010.
- HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. **A identidade presbiteral depois do Vaticano II.** Dossiê: Concílio Vaticano II: 50 anos. Belo Horizonte, v. 9, n. 24, p. 1090-1112, dez. 2011. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/2416>. Acesso em: 20/10/2021.
- JOÃO CRISÓSTOMO. **Sobre o Sacerdócio.** Disponível em: <http://www.cristianismo.org.br/sacerdotio-1.htm> Acesso em: 21/10/21.
- LIMBERGER, Anselmo Matias. **O presbítero a partir do Documento de Aparecida.** Encontros Teológicos nº 60. Ano 26, nº3, 2011, p. 81-94. Disponível em: <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/215>. Acesso em: 15/10/2021.
- PEREIRA, Reginaldo. **Igreja Povo de Deus: o Sacerdócio comum dos fiéis na vida da Igreja.** Encontros Teológicos nº 53. Ano 24, nº2, 2009. Disponível em: <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/viewFile/309/296>. Acesso em:

10/10/2021.

SILVA, Rogério de Paula e. **A estrutura metafísica do Homem segundo De hominis Opificio de de Gregório Nissa.** São Paulo, 2013. Disponível em: http://www.faculdadedesaobento.com.br/files/pesquisas_48989420-03115711-7871-132018.pdf Acesso em: 03/11/2021.

STADELMANN, Luis I. J. **Ministério presbiteral na Igreja.** Encontros Teológicos nº 60. Ano 26, nº3, 2011, p. 31-44. Disponível em: <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/viewFile/213/204>. Acesso em: 03/11/2021.

TUTAS, Maria Rodica. São João Crisóstomo e São Gregório Magno: uma fonte de inspiração para a vida pastoral. **Atualidade Teológica**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 51, p. 500-528, set./dez.2015. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/25863/25863.PDFXXvmi=> . Acesso em: 1º/11/2021.